

O Legado Ancestral

NATALIA O'SULLIVAN E NICOLA GRAYDON

O Legado Ancestral

*Como usar a história familiar para descobrir
as chaves da sua identidade emocional
e espiritual*

Tradução de:
Ana Lourenço

Pergaminho

A Árvore da Vida

Por todo o mundo, as pessoas desligaram-se da sua árvore genealógica. Estão desenraizadas há tanto tempo que se esqueceram do que significa estar ligado aos antepassados. E quando estamos desligados da nossa árvore genealógica, estamos desligados da árvore genealógica da humanidade.

Mandaza Augustine Kandemwa, curandeira tradicional

Quando nascemos, chegamos com a inscrição genética dos nossos pais, que contém a marca genética dos pais deles, que carrega a marca dos seus antepassados e assim por diante. O desenvolvimento da tecnologia de ADN ligou-nos mais uma vez ao nosso passado distante. Os segredos da nossa herança – os nossos dons e talentos, as nossas predileções e hábitos, bem como as nossas características físicas – residem nos nossos genes. Eles contêm a memória de tudo o que somos e de todos os que vieram antes de nós.

Também começamos a perceber o quanto a nossa vida pode ser influenciada pela memória ancestral latente de gerações passadas. A história ancestral negativa pode ser um impedimento para o nosso crescimento pessoal, bloqueando os nossos sonhos e impedindo-nos de ser quem realmente somos. Enquanto isso, outros antepassados positivos (e todos nós os temos) estão na sombra, esperando ser úteis caso reconheçamos as suas realizações e nos liguemos a eles.

No mundo ocidental – ao contrário das comunidades africanas, asiáticas e tribais – esquecemo-nos de como manter uma ligação espiritual com a nossa família falecida e da importância vital de honrar e celebrar os nossos antepassados. Quando nos lembramos deles recuperamos quem somos, redescobrimos os nossos dons criativos e a nossa espiritualidade. Tornamo-nos

conscientes de que não estamos sozinhos, que somos parte de uma narrativa ancestral continuada que nos pode levar ao nosso propósito de vida e enriquecer imensamente as nossas relações connosco próprios, com as nossas famílias e com a comunidade em geral.

Terras de antepassados

Os cientistas calculam agora que todos os seres humanos vivos estão relacionados com uma mulher que viveu há cerca de cento e cinquenta mil anos em África, uma «Eva mitocondrial». Ela não era a única mulher viva na altura, mas se os geneticistas tiverem razão, toda a humanidade está ligada a Eva através de uma cadeia ininterrupta de mães... Todas as pessoas com formas e cores várias da Terra têm nos caçadores-recoletores africanos a sua ascendência.

James Shreve

Os seres humanos são por natureza migratórios e exploradores. Começámos em pequenos grupos de caçadores-recoletores em constante movimento com as estações do ano para pastos mais verdes. Os nossos antepassados migraram de África há cerca de cento e cinquenta mil anos para se espalharem pela Europa, Ásia e Austrália. Chegámos às Américas há cerca de vinte mil anos e habitámos as ilhas do Pacífico há apenas dois mil anos.

Assim, embora aleguemos pertencer a um país, a nossa herança enquanto membros da raça humana é de evolução contínua através da migração. O nosso país de origem pode influenciar o modo como nos sentimos e vemos hoje, mas os nossos antepassados viveram em muitos países diferentes. No nosso subconsciente, lembramo-nos desses locais e, se alguma vez lá voltarmos, eles desencadeiam em nós memórias há muito esquecidas. É como se lá tivéssemos estado antes. África em especial parece exercer uma atração mágica, dando origem à expressão *mal d'Afrique*, que significa que depois de lá termos estado ansiamos por voltar.

Depois de ter filhos senti o impulso de os levar a Espanha e à Hungria para se ligarem a cada um dos lados da minha árvore

genealógica. Quando estive pela primeira vez ao lado da sepultura do meu avô enquanto estava grávida de Sequoia, a minha filha mais velha, senti que era importante honrar as terras dos antepassados.

Quando fomos à Hungria, foi o meu filho do meio, Ossian, que se sentiu mais ligado. Tínhamos ido espalhar as cinzas do meu pai na sua terra natal. Ossian deu-se lindamente no campo luxuriante dos avós e bisavós. Embora o meu pai fosse lá raramente depois de se mudar para Inglaterra, a sua família acolheu-nos com muito amor e hospitalidade. Família é família e quando está ligada à terra de origem é particularmente poderosa. A nossa família húngara ainda vive na quinta que pelo menos cinco gerações herdaram. Como as gerações anteriores, o meu primo e a sua família trabalham a terra assiduamente, tal como farão os seus filhos. A sabedoria e a segurança de conhecerem o local onde vivem fazem parte de quem são. Têm um profundo sentido de ligação à terra: isto é algo que eu e o meu marido (como muitos de nós) perdemos por mudarmos com frequência de casa. Estou certa de que a falta dessa ligação está entranhada nos refugiados e imigrantes de todo o mundo.

Enquanto isso, Nicola sempre se sentiu profundamente ligada a África, não apenas porque nasceu lá, mas também porque a família da sua avó – refugiados huguenotes – viveu lá durante gerações. Apesar de ter sido criada em Inglaterra, é para a África do Sul que ela vai quando precisa de recarregar as baterias. Ao tocar no solo quando chega, ela quase é capaz de sentir todas as células do seu corpo a darem um suspiro de alívio.

Na Grã-Bretanha de hoje ainda há famílias que viveram na mesma aldeia ou zona durante gerações e os cemitérios locais registam os seus nomes ao longo da História. Numa descoberta surpreendente, constatou-se que o ADN dos aldeões de Cheddar era igual ao do chamado *Cheddar Man*, o mais antigo esqueleto da Grã-Bretanha, com cerca de 9000 anos. Ter raízes tão profundas cria um sentido inato de pertença. Mas todos podemos comungar disso quando voltamos à terra das nossas origens ancestrais. Pode viver em Detroit ou Boston, mas talvez a sua família

tenha emigrado da Irlanda para os Estados Unidos. A terra das nossas origens, das nossas raízes, ecoa nos nossos ossos. As colinas suaves e verdes da Irlanda permanecem dentro de si.

A história de Sara

Sara Connell é escritora, oradora e orientadora e vive e trabalha em Chicago. Quando foi mãe, analisou a história da família para se poder decidir pelo nome do filho. «Em criança, sentia orgulho de que o meu pai, William Casey, fosse cem por cento irlandês, já que na América era raro ser-se cem por cento alguma coisa. Mas sei muito pouco dos nossos antepassados irlandeses nas gerações que antecederam o embarque dos meus bisavós num transatlântico para a América: a minha bisavó Brigit era de Limerick, no condado de Kerry, o meu bisavô era de Cork.

»Quando o nosso primeiro filho nasceu, chamámo-lhe Finnean, em homenagem ao mítico poeta-guerreiro. Foi o nome que estive no meu coração durante a gravidez e perguntei-me se seria possível uma criança sussurrar-nos o seu próprio nome. Quer tenha sido ou não escolhido por ele, é um nome celta, e quando ele for mais velho iremos levá-lo à Irlanda e oferecer-lhe um lugar visceral onde explorar o significado do seu nome e a sua ascendência irlandesa. Podemos ir a St Brigid's Well em Liscannor, aos círculos de fadas de Kerry, aos penhascos de Moher... E, no sul, de onde são os nossos antepassados, caminharei com ele em montanhas cobertas de musgo húmido e poderemos ouvir juntos, com os nossos ouvidos internos, as vozes ancestrais que a terra nos deixar ouvir.»

Um ano depois de o seu pai Johnny Cash ter morrido, Rosanne Cash sentiu-se impelida a fazer uma viagem à Escócia com a sua filha Carrie. O pai seguiu as suas raízes familiares até Malcolm IV da Escócia e à pequena povoação de Strathmiglo em Fife, onde caminharam à procura de ruas com nomes dos seus antepassados.

As relações entre Cash e a Escócia também eram musicais. «Recurar mais no nosso passado celta fez o meu pai perceber que

era àquele local que ele devia o seu tom de voz, a qualidade triste da sua música, e foi esse sentido de lugar e de tempo que foi passado para ele e depois para mim.» Ela escreveu como foi inspirador estar na Escócia: «Foi realmente emocionante. A região é linda. Se a geografia pode estar nas nossas células e na nossa memória mais profunda, então saiu do domínio do inconsciente e ganhou vida para mim e para a Carrie naquele dia.»

A viagem também foi bastante curativa por outra razão. Rosanne estava numa loja de antiguidades quando o proprietário, ao ouvir o seu sotaque americano, lhe perguntou se ela andava à procura das suas raízes. Ela disse-lhe o seu nome e ele comentou que Johnny Cash tinha seguido o passado da família até àquela cidade. Ao saber que ela era realmente filha dele, o homem desapareceu no andar de cima e voltou com uma fotografia de si próprio com o pai dela. Rosanne desatou a chorar. «Quando percebi que ele tinha estado naquele mesmo sítio, fez-se luz. Foi o melhor presente que aquele homem me podia ter dado. Eu voltara ao local onde a história da nossa família começara, a um local que dera ao meu pai tanto prazer e orgulho.»

Saber de onde viemos é uma dádiva preciosa que pode influenciar a nossa viagem pela vida de formas ocultas, mas poderosas. Pauline Tangiora, uma anciã maori que é meio escocesa, levou o neto à cidade natal da mãe em Dunbar. O rapaz trouxe com ele uma telha da primeira casa da mãe. É, diz ela, o seu bem mais precioso e agora ele vê-se, perante o resto da família, como o representante da herança escocesa.

A atração da pátria continua a ser poderosa e uma peregrinação ancestral pode ajudar-nos a estabelecer contacto com a nossa linhagem, a fim de podermos sentir plenitude e realização. Terry foi à Irlanda não muito depois da morte do pai, Jeremiah Patrick (conhecido como Paddy). Paddy nasceu no East End de Londres e sempre prometera a si mesmo que iria visitar a terra natal da sua família na Irlanda, mas nunca arranjava tempo. Após a sua morte, Terry sentiu uma vontade enorme de ir ao condado de Cork. «Parecia uma peregrinação em homenagem dele. Levei a

sua fotografia com algumas pequenas lembranças para colocar naquela terra macia. Cavei um buraco com uma colher de pedreiro, suficientemente fundo para guardar as minhas lembranças dele e as vidas que partilhámos. Enterrei as imagens que me lembravam a sua juventude, os seus tempos de marinheiro, de bombeiro, de pai e de avô. Acendi uma vela, deixei uísque irlandês num recipiente e rezei ao clã dos antepassados O’Sullivan que o recebesse em casa. Senti o vento soprar do Atlântico e uma gaivota piou como se fosse um clarim.»

Ao regressar a casa, ele sentiu a sua pátria ancestral nos ossos e regressou lá várias vezes desde então. Da última vez foi ao condado de Kerry e visitou um cemitério perto do hotel. «Está cheio de dedicatórias a todos os antigos paroquianos, muitos enterrados com lápides a anunciarem que esta região “foi fortemente herdada pelo clã O’Sullivan”. Senti-me bem em Cork, mas quando fui a Kerry senti que tinha voltado a casa. Em Kerry, cercado por sepulturas dos O’Sullivan, senti-me exultante, alegre, animado. Parecia um verdadeiro regresso a casa.»

As tradições indígenas dizem que os antepassados residem na terra e como, ao longo dos tempos, enterrámos os nossos mortos isso é literalmente verdade. Num sentido espiritual sentimo-los mais fortemente na terra das suas origens. É aqui que é mais fácil ligarmo-nos a eles. Enquanto eu estava junto à sepultura do meu avô materno, compreendi-o – e a mim – de forma visceral; da mesma forma, quando fui à Hungria, compreendi melhor o meu pai e percebi de onde tinham vindo o seu amor e ternura. Enquanto espalhava as suas cinzas, lamentei de novo que ele não tivesse tido a oportunidade de regressar ao seu país natal.

Migração

Nos últimos três séculos, vimos ondas de migração voluntárias e involuntárias quando os nossos antepassados saltaram continentes a fugir da perseguição ou em busca de prosperidade económica.

Nestes dias de viagens aéreas, telefones e Internet ao dispor de todos nós, é difícil imaginar como essas viagens eram épicas. Os emigrantes deixavam a sua terra natal com poucos pertences rumo a um futuro desconhecido, sem saber se voltariam a ver as famílias.

Cerca de doze milhões de pessoas entraram nos Estados Unidos por Ellis Island em apenas trinta e dois anos. Nalguns casos, aldeias inteiras fizeram as malas e marcaram uma passagem para Nova Iorque, à medida que se espalhavam as histórias sobre as oportunidades que se podiam ter no Novo Mundo. No seu auge, em 1907, mais de um milhão de imigrantes passou pelos corredores de Ellis Island. Muitos viram alterado o seu nome e as mulheres, muitas vezes chegando anos depois dos maridos, recebiam roupas novas e um novo penteado para refletir as modas americanas, para que os maridos não ficassem envergonhados com o seu estilo do velho mundo.

Quando Rob, o marido de Nicola, americano de segunda geração, foi a Ellis Island pela primeira vez em adulto, achou o local muito mais comovente do que esperara. «Estar no sítio onde os meus avós desembarcaram na América transformou o que tinha anteriormente sido um conceito numa enorme sensação de empatia por eles. E ali não nos apercebemos apenas da dificuldade ou do medo que os meus antepassados sentiram, mas da sua esperança ao empreenderem esta viagem.

»Como deve ter sido para eles aproximarem-se de solo americano pela primeira vez? Foi apenas há uma geração. Gostava que os meus avós tivessem vivido mais tempo para poder fazer-lhes estas perguntas. Eles fizeram parte de uma vaga de judeus do Leste Europeu que mudou o mundo: tomaram conta do cinema e trouxeram as suas tradições que se tornaram parte do vernáculo americano, assim como os italianos e os irlandeses. É extraordinário pensar na bravura e coragem das pessoas que fizeram essa viagem, a fim de darem aos seus descendentes uma vida melhor.»

A bisavó de David Sye é uma das muitas mulheres que empreenderam a épica viagem, embora no caso dela o destino fosse Inglaterra. Os *pogroms* tinham-se tornado uma ameaça constante na

região de Kiev, na Ucrânia, onde ela vivia, e os cossacos andavam a saquear as aldeias a seu bel-prazer. O marido já tinha desaparecido e ela decidiu ir ter com a irmã, que vivia em Liverpool. «Orientou a viagem pelas estrelas, sabendo apenas que Liverpool ficava a noroeste de onde ela vivia na Rússia», diz David. «Levou os dois filhos pequenos e nadou através de um rio que nem os homens mais fortes atravessavam.» Depois de chegar a Bremen, na Alemanha, onde se tornou cozinheira de um comandante do exército, arranhou boleia para Roterdão, na Holanda. Ali trabalhou como empregada de mesa até juntar dinheiro suficiente para um bilhete num barco de arenque para Hull. Finalmente, foi a pé de Hull até Liverpool. O seu exemplo deu ao seu neto «número um» a determinação de seguir os seus sonhos. «One», um, soava a «Vaughan» no seu sotaque russo, e ele tornou-se uma estrela da *pop* na década de 1950 com o nome Frankie Vaughan.

Quase dois milhões de judeus russos fugiram dos *pogroms* assassinos da Rússia entre 1880 e 1921. Muitos foram para os Estados Unidos, trazendo uma nova energia às populações judias alemãs já assimiladas. Encheram prédios no Lower East Side de Nova Iorque com a família inteira e trouxeram com eles uma cultura ídiche rica em literatura, música, poesia e teatro. Embora a grande maioria se dedicasse ao comércio de *schmutter* (vestuário) para sobreviver, o percurso dos seus descendentes até posições de poder foi rápido. E construíram uma grande indústria de entretenimento na Califórnia. Muitas das atuais estrelas de Hollywood têm raízes judias russas.

Os imigrantes formaram a paisagem e a cultura da América. Foram as famílias simples e trabalhadoras da Alemanha, da Holanda e da Suécia que desenvolveram a agricultura na Pensilvânia, enquanto locais como a Louisiana e, especialmente, Nova Orleães encontraram a sua alma – e a sua música e a sua comida – na simbiose mágica das famílias francesas, *cajun* e de escravos que lá se estabeleceram.

Só no século XIX mais de cinquenta milhões de pessoas deixaram a Europa para as Américas. Durante a fome da batata na

Irlanda cerca de 60% da população do país emigrou para a Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Austrália e Nova Zelândia. Calcula-se que existam cerca de cem milhões de pessoas de ascendência irlandesa em todo o mundo. Sofreram humilhações e discriminação, trabalhando muito por pouco dinheiro, mas superaram o preconceito e tornaram-se bem-sucedidas por pura força de vontade. E a família Kennedy tornou-se uma dinastia política que atingiu o mais alto cargo político nos Estados Unidos.

Os nossos antepassados emigraram por muitas razões. Às vezes, não havia escolha: muitos partiram para fugir à perseguição política ou religiosa. O exílio pode ser um purgatório doloroso para aqueles que não conseguem regressar aos seus países de origem. Os exilados descreveram-no como ter saudades perpétuas de casa. O meu pai, Ferenc, foi um deles.

Quando os húngaros se rebelaram contra o domínio soviético a 23 de outubro de 1956, ele participou na revolução. Houve um momento inebriante em que parecia que os rebeldes podiam vencer, mas quando a revolta foi esmagada, toda uma geração se viu confrontada com uma escolha difícil: ficar e enfrentar o domínio russo ou deixar a terra natal e correr o risco de nunca voltar. O meu tio decidiu ficar, mas o meu pai juntou-se a mais de duzentos mil homens, mulheres e crianças que fizeram as malas com o que podiam carregar e se dirigiram para as fronteiras.

O meu pai conseguiu voltar com um visto em 1973, quando eu tinha nove anos. Lembro-me de que a família abriu as suas casas e os seus corações para a nossa visita: aos chegarmos tarde uma noite, e ao encontrarmos toda a aldeia na rua em frente à casa dos meus avós, sentimo-nos como membros da realeza. O meu pai parecia chocado e abalado, mas acalmou-se quando se deixou envolver pelos braços abertos dos pais e da irmã Margaret. Lembro-me de muitas lágrimas e beijos. Décadas mais tarde, quando estava perto da morte, o meu pai ainda se sentia atormentado pela sua decisão de partir e o impacto que isso tivera na sua família.

Recordando o espírito do húngaro no exílio, lembro-me de o meu pai dizer que se tinha de trabalhar muito e ser flexível,

adaptar-se para sobreviver e não ter medo de novos conhecimentos e de os assimilar no local de trabalho. «Ou te integras ou morres!», dizia Ferenc. Eu segui as suas crenças e tive sempre uma forte ética de trabalho e a curiosidade para continuar a aprender através de vários meios; e é isto que tento transmitir aos meus filhos.

O meu pai criou a sua própria comunidade de húngaros em Londres. Costumavam organizar fins de semana só para rapazes, a jogar às cartas e a beber até ao amanhecer, recordando a juventude nos salões de baile e nos clubes de *jazz* de Londres, no início dos anos 60. Muitos desses velhos amigos apareceram no seu funeral e insistiram que tocássemos um clássico do folclore húngaro para o recordar.

As saudades de casa podem revelar-se de muitas maneiras. Mbali Creazzo nasceu na África do Sul, quando o *apartheid* começava a enraizar-se. Era de uma família de «cor» e decidiram que estava na altura de partir quando o irmão dela perguntou ao pai por que motivo não podiam sentar-se num banco reservado aos brancos. Toda a família – incluindo a maioria dos parentes da mãe de Mbali – acabou em Crystal Palace, no sul de Londres. «Enfiámo-nos todos numa enorme casa velha em ruínas com onze quartos; éramos dezenas amontoados naqueles quartos.»

A Grã-Bretanha na década de 1950 era um local sombrio e deprimente ainda nas garras do racionamento de guerra. «Era sempre cinzenta e lembro-me de me sentir muito sozinha. Eu era literalmente a única pessoa de cor em todo o parque. Mas, principalmente, lembro-me da sensação de desespero naquela casa. Estavam todos tão tristes... A minha mãe era o elemento aglutinador. Era a força e a resistência e nós éramos uma comunidade. Mas todos eles morreram de ataques cardíacos. Acho que ficaram com o coração destruído ao saírem da África do Sul.»

Durante os anos 1950 e 1960, milhares de sul-africanos – brancos e negros – partiram para o exílio político, a fim de fugirem ao regime do *apartheid* e evitarem a prisão ou o serviço militar obrigatório. Ícones culturais como Miriam Makeba, Hugh Masakela e Abdullah Ibrahim foram para os Estados Unidos onde

encontraram novos públicos para o som inebriante do *jazz* sul-africano. Masakela conta histórias hilariantes acerca de manter as tradições culturais do seu país enquanto vivia num prédio em Manhattan, o que incluía fazer cerveja caseira na banheira. «Parece uma loucura», disse ele, «e era, mas tínhamos tantas saudades de casa que, durante algum tempo, isso nos levou até lá».

Mbali atingiu a idade adulta durante a década de 60 e saboreou a alegria, a cor e a música da Londres da altura. Começou a trabalhar como rececionista no moderno salão de cabeleireiro de Vidal Sassoon, para grande consternação dos pais – eram professores e queriam que ela também o fosse –, e à noite frequentava o Ronnie Scott e outros clubes do West End, mas sempre sentiu que faltava alguma coisa.

Já perto dos cinquenta anos, começou a praticar para ser uma curandeira Dagara (do Oeste Africano), trabalhando com búzios de adivinhação com os quais invocava os seus próprios antepassados e os antepassados dos seus clientes para poder efetuar a cura. Só voltou à África do Sul com cinquenta e dois anos e, segundo ela, os seus «ossos retumbaram com a recordação». Mbali encontrou finalmente o seu caminho para casa, tanto na sua prática espiritual como no renovar do contacto físico com a terra natal.

Muitas pessoas podem olhar para trás e descobrir que têm antepassados que mudaram de continente para cumprir o seu destino. Somos seus descendentes, mas como os reconhecemos nas nossas vidas atuais?

Recentemente, conheci um persa com cerca de sessenta anos que se chama Eddie. Emigrado do Irão durante a época do Xá, mudou-se primeiro para Londres e depois para Paris e finalmente para Los Angeles, onde acabei por conhecê-lo. Uma figura digna de olhos brilhantes, ele começou imediatamente a falar da sua família. Lembrava-se de que, na infância, a avó o ajudava a adormecer com histórias do pai, da mãe, da avó e da bisavó dela. Pareciam ao pequeno Eddie histórias épicas de amor e coragem. E, mais tarde, ele fez o mesmo aos filhos, contando-lhes igualmente a sua

própria história dramática no exílio. «Saber esta história pessoal tem-me ajudado a sentir em segurança onde quer que esteja», disse-me ele. «Sei de onde vim e sei que os meus filhos sabem de onde vêm. E isso é muito valioso.»

Nos últimos séculos, muitas pessoas afastaram-se da sua terra de origem. Esta é uma das razões para perder a ligação com os nossos antepassados. Também nos afastámos da própria terra e perdemos a nossa ligação a ela.

A ligação entre a terra e os nossos antepassados é comum a todas as raças. Na Finlândia rural, por exemplo, cada família tinha uma «árvore da casa», sagrada para a família como guardiã e protetora. A árvore, com os seus galhos voltados para o céu e as raízes para o submundo, o mundo dos mortos, era o meio através do qual as pessoas podiam ligar-se aos seus antepassados e aos espíritos da terra. Ainda hoje quintas e casas na Finlândia têm a sua própria árvore especial que é um símbolo da família.

A ideia de uma árvore do mundo é difundida em religiões e mitologias antigas, desde o enorme freixo *Yggdrasil* da tradição nórdica à *Ceiba* das culturas mesoamericanas, e foi sugerido que a ideia de uma vasta árvore como o mundo está implantada no nosso inconsciente coletivo. Como a árvore da casa na Finlândia, diz-se que a árvore do mundo liga os três mundos: as raízes do submundo, o mundo natural e os céus.

Talvez não seja de surpreender o facto de dispormos as nossas relações geracionais familiares em algo a que chamamos árvore genealógica. Quer continuemos ou não a viver nas terras dos nossos antepassados, a árvore genealógica pode ser uma porta de entrada para a nossa reconexão com eles. Podemos viajar através da nossa árvore genealógica até ao passado e à terra dos mortos, onde reencontraremos aqueles que já faleceram. E, como os ramos da árvore do mundo se estendem para o céu, assim podemos reencontrar a nossa herança espiritual e inspiracional. Ao ligarmo-nos aos nossos antepassados, experimentamos a luz do amor que flui através da nossa linhagem familiar, deles para nós e daqui para os nossos descendentes.